

Ex. Sr. Salgueiro
Capitão Salgueiro Maia
Escola Prática de Cavalaria
Santarém

Entre as coordenadas necessárias para que se execute uma política justa, ressalta a tentativa de uma simbiose entre a análise objectiva da realidade e uma actuação que respeite os princípios da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM. A consciência de tais factos ficou patente no programa do M.F.A.. A pureza de princípios, o aspirar de uma fraternidade que tocasse qualquer homem, a vontade de ver este sacrificado País caminhar para uma sociedade mais justa e mais livre, levaram os mentores da Revolução para caminhos onde tiveram por companhia uma multidão ávida de amor, de paz, de justiça e bem-estar. E sonhou-se! Não com um País! Não com um Povo! Mas com Países e Povos! Cada um aproveita para se iniciar na política. Uns abnegadamente. Outros na esperança de uma oportunidade. Assim surge o "tachismo". A ânsia de uma Pátria para todos, opõe-se a obsessão de um País para iluminados. Assim despontam os saneamentos frios e as perseguições impiedosas. E a roda, perdendo o eixo, impulsionada pela sua cegueira, esmaga, tenta esmagar tudo o que lhe leva a pensar que é obstáculo. E, em vez da mudança, surge a destruição! No lugar do amor, aparece o ódio! A justiça sucede-se a injustiça! A integração contrapõe-se a retaliação fácil! Mas o País, os sentimentos deste País, emergiram depois de um sonho apaixonante. A roda terá de parar. Não para voltar para trás, mas para percorrer os caminhos que o Povo lhe dite. E é tão fácil. É tão fácil que o eixo saiba ser só isso e mais nada. É tão fácil que haja uma Nação para se viver e não para se matar. Mas a roda e o eixo perderam-se! Vaguearam! Vagueiam! Esqueceram-se de que tudo quanto não seja amor será um mar revolto povoado de ilhéus.

O passado passou. Viveu-se! Sofreu-se! Ensinou! Viveu-se na exploração, no medo, na repressão, na ignorância, na fachada de um homem de pés de barro; se freu-se nos parcos salários, na luta por uma independência, nas frígidas massorras, na incerteza da velhice, na agonia das batas brancas e na isundície dos telhados de lata; ensinou que à excepção de uns tantos, poucos lutaram para, de vez, acabar com a vida que se sofria e com o sofrimento com que se vivia. Quarenta e oito anos foi muito! Foi um mundo de cumplicidade! Para o averiguar, dois critérios essenciais poderão ser postos em prática:

- 1- Se um País é uma Política, e esta é odiosa, terá que pedir-se responsabilidades, em primeiro lugar, aos seus artifices ao longo dos tempos assim como aos seus executores e defensores directos.

/.....



2- O outro critério seria castigar apenas os cérebros do regime fascista assim como todos os que, transcendendo as suas funções, se apropriaram de bens estaduais ou violentaram pela tortura, ou pela morte, todos os combatentes da liberdade.

O respeito pelo compromisso assumido pela M.F.A., perante a Nação, em defesa da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM - aliás já consignada na futura Constituição - o desejo de reconciliar a Família Portuguesa, a necessidade de uma justiça compreensiva, impõem, como único caminho o equacionado no nº. 2. Mas a que é que temos estado a assistir? A uma política híbrida, seriamente marcada pelo sectarismo e pela sublimação de recalcamente profundos no campo da consciência. Senão vejamos:

- a)- Os cérebros e grandes sustentáculos do regime anterior foram alvo de algumas demissões, curiosas aposentações compulsivas, recompensadoras passagens à reserva e promoções dignificantes. Enquanto isto, a "arraia miúda" tem servido para o aumento substancial das demissões e para o encher das cadeias. À excepção dos agentes da ex-PIDE/DGS e de alguns presumíveis colaboradores desta polícia, quais são os elementos que estão detidos por factos referentes ao período antes do 25 de Abril?
- b)- Quem é que tendo a força nas suas mãos, durante quase meio século, nunca se soube utilizar para defender os interesses da população tendo que esperar que cerca de duas centenas de bem intencionados resolvesse acabar com tal cumplicidade? Será que os principais responsáveis por tal situação irão ser acusados de tal crime? Quantos foram demitidos? Quantos estão presos?
- c)- Já foram pedidas contas pelo menos aos que, mais responsabilmente, contribuíram para a manutenção de uma guerra de 14 anos? É que, segundo se tem afirmado, não foi uma guerra qualquer. Constituiu grande ofensa às mais lídinas aspirações dos povos africanos, operou massacres de populações inocentes, desbaratou as finanças públicas, pôs de luto a Nação e encheu-a de deficientes.
- d)- Qual tem sido a atitude perante todos os que receberam distinções honorárias do regime fascista por ALTOS SERVIÇOS prestados ao mesmo? Que averiguações se efectuaram? Quantos estão na cadeia ao perderam o seu emprego?
- e)- Quantos indivíduos foram demitidos por terem pertencido à Legião Portuguesa? Que é feito dos serviços secretos desta? Que aconteceu aos seus responsáveis e colaboradores dos serviços de informação? Em que prisão se encontram? Quantos são? Já se libertaram alguns mesmo depois do dia 26 de Julho. Porquê?

f)-Todos sabem que a G.N.R. e a P.S.P. foram corporações que muito contribuíram para a repressão. Que averiguações já se realizaram? Quantos Comandantes, por exemplo, foram objecto de inquérito?

Não, a política que tem sido seguida não conduz a qualquer objectivo válido!

Não cumpriu com o prometido! Não implicou uma tomada de posição coerente! Não pôs em prática uma justiça compreensiva! Não apelou para a fraternidade dos lares portugueses! Assente no simplismo da apologia do "bode expiatório", esqueceu o dever permanente do processo histórico, quis omitir, num esforço vão, os juízos implacáveis que ele proporcionará. A auto-crítica não levou a sua superação da realidade mas a um engano desta. Mas a realidade não se engana. Ela é! Está à nossa frente ou vive na nossa memória. E a realidade é só uma! Quarenta e oito anos foi muito! Foi um mundo de cumplicidade! A opção fundamental reside no espírito das propostas que já enumerámos. Ainda está a tempo de ser feita. Não para voltar com a palavra atrás, mas para a cumprir. Não para ter medo da "vexaria", mas para dar uma lição de coerência. É só isto que pedimos. É "só isto" que não nos tem sido dado.

Os signatários encontram-se detidos na Penitenciária de Coimbra e no implicados em processos de colaboração com a extinta PIDE/DGS.

Mas... aqui parece haver de tudo! Desde os que nunca colaboraram com a referida polícia até aos que, ameaçados de perda de emprego (ou outras motivações) se viram compelidos a fazer o mínimo de que lhes era imposto. Há também os que, por sedução e ameaça, foram compelidos para uma engrenagem contra a qual lutaram sozinhos, saindo vitoriosos de processos chantagísticos muito antes do 25 de Abril sem nunca terem servido tal organismo. Enfim... há aqueles que há mais de 9 meses vivem sobre e sob o cimento! Em 26 de Julho do corrente ano, houve uma vaga de prisões, ao que se julga, apenas restrita a nível da zona à guarda da Comissão de Extinção, de Coimbra. Cerca de 35 "presu- níveis delinquentes" foram encarcerados sem qualquer tipo de explicação. A maioria esmagadora ainda nem sequer foi ouvida e alguns, que já tinham estado detidos, e cujo o processo foi "mandado aguardar a produção de melhor prova" não escaparam. Outros nunca tinham estado detidos. Conservaram-se sempre em liberdade até à conclusão das averiguações, mas viram-se presos de um momento para o outro, apesar de alguns terem tido um despacho igual ao que atrás se enunciou. Quais foram as "melhores provas" que se produziram, desconhecemos em absoluto. Mas o espírito interrogativo avoluma-se perante outros factos. Há quem esteja detido apesar da posse de documento oficial comprovativo da sua não pertença aos serviços de informação da ex-PIDE/DGS. A outros já foi afirmado (assim como familiares) que não têm matéria incriminatória, mas por cá continuam com regalias inferiores aos detidos e condenados por o delito comum. A tudo isto juntam-se queixas de irregularidades na instrução dos processos - algumas das quais lembrando processos bem vivos na memória de todos - e que ora de toda a conveniência mandar averiguar.



Não, a política que tem sido seguida não conduz a qualquer objective válido!

Creia V.Exã. que o nosso espírito se encontra completamente baralha do pela análise dos factos que equacionámos. Mas essa confusão aumenta perante a imperceptibilidade de mais outros critérios. Tendo a Comissão de Extinção de Coimbra à sua responsabilidade uma área que inclui, além deste distrito, o de Viseu, Aveiro, Guarda, Castelo Branco, como se compreende que apenas 35 presumíveis colaboradores tenham sido "apanhados" pelo 26 de Julho? Onde estão os outros, se um oficial desta Comissão afirmou serem centenas? Mas, se por acaso, desapareceram por qualquer obra de magia, onde se encontram alguns que os órgãos de informação publicitaram? Não deixa de ser curioso que um oficial do Quartel General de Coimbra tivesse afirmado, a este propósito, que se se encontram em liberdade é porque têm colaborado com o 25 de Abril. Em que é que eles colaboraram e os signatários não? Seria bom esclarecer tal facto. Será que tiveram a protecção de certos partidos políticos? Será verdade que em relação ao 26 de Julho o comportamento objective perante alguns foi facilitar-lhes a fuga? Um, por exemplo, que desempenhou cargo importante num partido à esquerda do P.S., não só esteve em liberdade até aos finais de Julho como, pelos fins de Agosto, resolveu ir radicar-se no país vizinho. E por que foi posto em liberdade cerca de ^{alguns} dias antes da "grande rutagem"? Como se sabe, há agentes da ex-PIDE/DGS em liberdade que dela saíram antes do 25 de Abril, embora estejam abrangidos pelo Decreto-Lei nº. 8/75. Há entre nós quem tenha sido acusado de colaboração com esta policia (o que deverá ser provado) em tempos distantes. Afinal, qual foi o critério?

Não, a política que tem sido seguida não conduz a qualquer objective válido!

Por vezes, no isolamento da clausura no cimento, vêm-nos à cabeça algumas afirmações de altas personalidades. Recordamo-nos, por exemplo, que o Senhor GENERAL OTELO SARAIVA DE CARVALHO, num livro publicado, ao que se julga, no início de 1975, emitiu a opinião de que mais de metade dos agentes da ex-PIDE/DGS, estavam inocentes. Perante tal posição (que não ponos em dúvida por vir da boca de quem vem) gostaríamos nós de saber as acusações que sobre nós recaem. A perplexidade aumenta ainda quando, como se afirma, há todo um serviço de informações já montado e que transcende o campo militar. Aliás, a defesa da criação de uma policia política, feita ainda há pouco pelo Comandante Xavier Brito, um dos mais altos responsáveis pelos Serviços Prisionais Militares, não deixa de ser elemento a enquadrar dentro de toda uma conjuntura que necessita de clarificação.

Não, a política que tem sido seguida não conduz a qualquer objective válido!

Há que repensá-la. E repensar não é agradar. Nem mudar. Nem sublimar. É voltar a pensar. É fazê-lo sem preconceitos. É reconhecer o erro, se o houver, e superá-lo.

Numa altura em que o equívoco invade tantas mentalidades numa corrente crescente, desejamos que fique bem explícito que não defendemos a polícia política. Para os seus membros que estiveram envolvidos em casos de tortura ou de assassinato só há um caminho: o banco dos réus. Tais crimes não podem prescrever. Não deve haver lugar a perdão. É que esse perdão transformasse-se em cumplicidade. Mas a partir daqui depara-se o tal mundo de cumplicidade de que já falámos. E ou se define este mundo, implicando um chamar à responsabilidade muitos milhares de portugueses ou se executa uma política de abertura. Cair na valeta lamacenta do "bode expiatório" é que nunca. Nós, as nossas famílias, os nossos amigos, precisamos saber qual o rumo humanista desta Revolução. Precisamos de compreender a lógica do modelo escolhido. Alguns apenas desejam que seja reconhecido o erro da sua prisão e salvaguardada a sua dignidade. Outros só querem que lhes seja dado o valor por, no deslizar da maioria, terem lutado contra a chantagem de tal polícia conseguindo uma vitória extremamente difícil. Outros, ainda, apenas pedem que lhes seja dada uma oportunidade, pois, apesar da ameaça de perda de emprego, limitaram-se a fazer o que era importante: não prejudicar ninguém. É que os homens não se destroem. Amparar-se! Não se rotulam para sempre. Dá-se-lhes uma oportunidade! As crianças não se criam no espírito de revolta. Amam-se na sua inocência! É neste amparo, nesta oportunidade, neste amor que entendemos esta Revolução.

Não há dúvida que hoje se encontram por esse País muitas vítimas do regime fascista. Muitos são heróis de hoje. Há, no entanto, os que tendo no passado sido vítimas continuam a sê-lo no presente. Por exemplo: Um indivíduo foi sondado pela ex-FIDE/DGS para fins de colaboração. Tenta escapar, mas as ameaças surgem. Tinha este País para viver, o amor pela sua terra no subconsciente, os problemas da sua família a absorvê-lo. Opta pela guerra e não pela fuga. Só, perante um gigante, pensa num objectivo em pleno campo de batalha: não prejudicar terceiros. Luta torna-se renhida. As ameaças e as chantagens sucedem-se. Começa a ver que o objectivo não pode ser atingido. Pensa no exílio mas... as particularidades da sua vida impedem-no. Tenta vencer o adversário, mas sente-se impotente perante tais amarras. "Apenas" consegue trilhar um caminho: fugir delas para sempre. Sozinho! Muito antes do 25 de Abril! Aguarda as represálias. Encontra na vida profissional um tubo de escape para os traumas que sofreu ao longo de vários meses. Conseguem impôr-se pelas suas qualidades de trabalho. Mas... surge a Revolução dos cravos. Recompensa? Demissão, prisão, pena possível de 2 a 12 anos.

...../.....



Não, a política que tem sido seguida não conduz a qualquer objectivo válido!

V.Exã., tal como centenas de políticos, intelectuais e militares, poderá debruçar-se sobre o conteúdo desta exposição. O presente e futuro apenas lhe pedem para que fique suficientemente clara a posição de V.Exã. ao longo deste processo.

Gratos a V.Exã., subscrevem-se:

Coimbra, 6 de Outubro de 1975

Joaquim Alberto Dionísio Santos
 Manuel Fernandes
 Carlos Antunes do Vale
 José Rodrigues
 Amílcar Cardoso
 António Cunha Salgado Afonso
~~Luís António~~
 António Augusto Vinte Amado
 Augusto Rodrigues
 António Augusto da Figueira (Silva)
 José Rodrigues de Almeida
 António Augusto Costa
 Joaquim Leal da Silva
 Alberto Mendes Nunes
 Oom de Santos
 José Carlos
 João
 Joaquim de Castro

~~João~~
 Rui
 Rogério Martins Carvalheiro
 João
 António
 João Baptista Félix Machado